

O TEXTO E A INTERAÇÃO VERBAL: UM CASAMENTO MAIS QUE PERFEITO

Luciene Fontão Pires

“O fenômeno social da interação verbal é o espaço próprio da realidade da língua, pois é nele que se dão as enunciações enquanto trabalhos de sujeitos envolvidos nos processos de comunicação social. Cada palavra emitida é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém.”

Bakthin, 1995

INTRODUÇÃO

Este texto faz parte da comunicação apresentada no VBLA (02.09.98) e propõe discutir um pouco da prática de produção textual na sala de aula, enquanto construção de saberes.

Quando buscamos levar aos nossos alunos de primeiro e segundo graus um pouco de prática de produção textual, nem sempre somos bem recebidos na sala de aula, pois os mesmos foram acostumados a fazerem “redações” forçosamente, que a simples menção de pedir a eles para redigirem algumas linhas, causa apatia. Claro que isso acontece em função da repetição excessiva, por parte dos professores de Língua Portuguesa (com raras exceções), de se

ensinar a produzir texto como se fosse uma receita de bolo, no uso de modelos.

Entretanto, entendemos que auxiliar o aluno a produzir textos passa pela questão de motivá-lo a ler, refletir e opor à folha em branco sua visão de mundo, tendo em vista sua experiência, é deixá-lo criar com seu próprio modo individual de ver o mundo. O texto, levando em conta este enfoque, passa a ser constituído a partir de um processo de motivação, seja através de diálogos com outros textos, comentários em sala de aula, música ou de trabalhos em grupo, cujo o estímulo pode levá-lo a refletir de uma forma mais produtiva e qualitativa sobre as questões que o rodeiam.

Nesse processo de produção textual, tendo por base a interação com outros textos, com outras idéias, experiências vividas e, principalmente, motivação em sala de aula e troca mútua entre alunos e entre professor-aluno, o texto passa a ser concebido como um processo, um todo organizado de sentido, um conjunto formado por partes solidárias, onde o sentido de uma depende da outra, podendo ser ao mesmo tempo produzido por um indivíduo/sujeito, num determinado espaço social. Um sujeito que expõe suas idéias, temores, expectativas de seu tempo e de seu grupo social. Nesse processo, o prazer de escrever torna-se uma constante e o texto um instrumento do fazer na construção do saber e do próprio ser, num inter-relacionar-se com o mundo, com a sociedade, com o outro.

Desta forma, vamos tratar aqui de ver o texto-processo, a interação: dialogismo em Bakthin e um suposto “casamento”, a fim de tentar aclarar a questão do texto dentro da proposta bakthiniana de ver a linguagem.

1.0 TEXTO-PROCESSO

Na proposta de construção do casamento entre interação

verbal e produção textual precisamos definir o que é texto, tratado por Bakhtin em seus escritos como enunciação.

A partir da premissa de ser o texto um produto inacabado, podemos entendê-lo como o “resultado”, ou melhor, de “efeito” de processos, seja de planejamento, de verbalização e, primordialmente, de construção. Planejamento, por envolver uma certa reflexão de mundo e de experiências vividas e organização de dados internalizados; verbalização - tanto oral como escrito - por estarmos tratando de elementos lingüísticos organizados; e de construção, por ser um processo, um “construir-se” ou “construindo”, podendo o texto ser reescrito, reelaborado, relido, por exemplo.

Para Koch (1997:22), a produção textual pode ser *uma atividade verbal, a serviço de fins sociais*, partindo de contextos mais complexos dentro de certas atividades, sendo uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos, ou seja, é **uma atividade intencional** que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal. Em conseqüência disso, podemos considerar o processo ou a produção, segundo Koch (1997:22) “**uma atividade interacional**”, em função de que os envolvidos estão de diferentes formas integrados na atividade, ou seja, no processo produtivo. Em vista disso, a autora define texto da seguinte maneira:

“O texto pode ser conceituado como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos escritores/leitores, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos

semânticos, em decorrência da ativação dos processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação de acordo com práticas socioculturais.” (Koch,1992)

O texto pode ser, então, considerado como um processo circular de correspondência intersectiva, pois são múltiplas as fases de elaboração qualitativa durante a construção, de forma a não se descartar nenhuma, e se, por algum acidente de percurso uma das etapas falhar, o processo corre o risco de não ficar completo. Por isso, não podemos descartar as etapas dos processos de leitura, inclusive, as etapas da compreensão, os da criação, da elaboração do texto lingüístico, da releitura, da reelaboração, de reescrita e assim sucessivamente. Cada uma dessas etapas merece maior detalhamento e exemplificação que não cabem neste trabalho preliminar, fazendo parte de um estudo mais aprofundado de dissertação de mestrado em andamento, cujos envolvidos no processo são alunos do segundo grau de escolas da rede de ensino da cidade de Florianópolis.

Contudo, não podemos esquecer o fato de se estar trabalhando com uma determinada concepção de linguagem e de gramática, quais sejam:

a) **Uma concepção de Linguagem** onde a linguagem é a forma ou o processo de interação onde o indivíduo usa a língua , não só para se comunicar ou transmitir uma informação, mas para agir, realizar ações, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor), sendo a linguagem um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto socio-histórico e ideológico. A língua é um “ato dialógico” (Bakthin, 1995). Sob esse ponto de vista, encaixam-se as teorias do texto que buscam na prática de produção textual uma forma de

interação.

b) **Uma concepção de Gramática** que é internalizada pelo falante/escritor e que se constitui num conjunto de regras que ele de fato apreendeu e das quais lança mão ao falar ou escrever, é um “saber lingüístico” (Franchi, 1991:54) cuja aprendizagem da língua se dá dentro de certos limites impostos, pela própria dotação genética humana do falante/escritor, em condições apropriadas de natureza social e antropológica.

Meurer (1993), em seu esboço de modelo de produção textual define texto, tanto oral como escrito, como sendo ***um meio de manifestação da linguagem, caracterizado por duas dimensões, uma social, outra psicológica, pois ao usarmos textos, fazemos uso de diferentes tipos de conhecimentos para interagir com outros indivíduos dentro de determinados contextos sociais.*** Assim sendo, a produção e a compreensão de texto envolvem não apenas fenômenos lingüísticos, mas também fenômenos sociocognitivos. Para ele o texto é produzido a partir da utilização de um conjunto de **parâmetros de textualização** diretamente influenciado pela história discursiva individual do escritor, pelos discursos institucionais e práticas sociais dentro de cujos contextos o texto é produzido e será usado. O texto, então, **é uma entidade física, produção lingüística de um ou mais indivíduos.** Para ele, o discurso é investido de **ideologias**, isto é, **maneiras específicas de conceber a realidade**; Assim. ele acredita que os indivíduos constroem textos não através do uso da língua apenas, mas a partir da internalização de outros tipos de textos já existentes, conforme visão Bakhtiniana de linguagem (1992).

O processo de produção para Meurer passa pelas etapas de motivação, representação mental dos aspectos dos fatos/ realidade e controle da representação mental pelo monitor, cujo funcionamento depende dos conhecimentos, tanto explícitos como

procedimentais, ou seja, parâmetros de textualização (objetivo do texto, identidade do escritor, tipo de gênero textual, contrato de cooperação, relações oracionais, coerência e consciência do que implica o ato de ler).

Tanto a proposta de Koch (1997), bem como a de Meurer (1993), apoiam-se na concepção de linguagem defendida por Bakhtin, de forma que nossa proposta de casamento nos parece cada vez mais produtiva.

Dahlet (1994), discutindo a questão das abordagens cognitivas e textuais em relação à produção da escrita, relata-nos que o pressuposto de uma interação maleável dos planos cognitivos e discursivo, sob a forma de operações suscetíveis de variações e produtoras de conhecimentos no próprio espaço de sua formulação, leva-nos a entender que a escrita constrói e diversifica os saberes convocados como meio de sua construção, deslocando o objeto da pesquisa do produto para o processo, de forma a auxiliar, localizar e considerar as dificuldades redacionais ou de produção textuais do aluno. Ele decompõe a atividade de produção textuais em três níveis: planificação, textualização e revisão.

Tendo em vista o exposto, entendemos que produzir um texto é construção/reconstrução, requer motivação/experiência/criação, frutos da experiência e do equacionamento, nascidos na interação com o outro, seja através do diálogo com outros textos - na interdiscursividade, do diálogo com outras experiências - na instersubjetividade, seja da manifestação do próprio modo particular de ver o mundo - estilo, como "indivíduo socialmente envolvido". O texto é uma manifestação lingüística detentora de sentido, produzida para alguém com uma determinada finalidade. Surge da necessidade de expressão de um indivíduo inserido num determinado espaço sócio-cultural. Indivíduo que ao mesmo tempo vive a experiência do que está fora e as angústias e certezas do que

vem de si, porque impetra ao texto seu modo particular de ver o mundo. Um indivíduo que na complexidade do processo passa a ser um sujeito-criador, uma sujeito dialogicamente constituído, por estar irremediavelmente envolvido por um contexto sócio-histórico-ideológico.

2.A INTERAÇÃO - O DIALOGISMO EM BAKHTIN

O trabalho lingüístico é tipicamente um trabalho constitutivo (Geraldí, 1996) porque interagir com o outro é “locus” de produzir linguagem, é adquirir conhecimento, é conhecer mundos diversificados. É, também, a partir da interação que tudo se agiliza, que há a internalização de um saber construído com o outro. (Bakhtin, 1995).

A influência de Bakhtin na estudo da linguagem deste século é considerável, pois nos últimos vinte anos, muitos trabalhos lingüísticos ou literários fazem alusão ou referência aos pensamentos bakhtinianos. Apesar de ter sido primeiramente reconhecido como um teórico da literatura, tornou-se célebre na lingüística contemporânea por dedicar muitas de suas reflexões ao funcionamento da linguagem e por ser considerado por muitos o preconizador de um novo paradigma lingüístico, a partir de sua concepção dialógica da linguagem. Em 1929, Bakhtin expôs um programa completo de estudos para a lingüística, criticando as teorias das correntes relativas ao subjetivismo idealista (interessado nos atos de fala de criação individual como funcionamento da língua) e o objetivismo abstrato (um sistema de formas normatizadas constituíam a substância da língua), como que preconizando as reflexões da lingüística contemporânea. Bakhtin (1995) defende que o objeto da lingüística não deve ser a língua mas a fala, sendo a *interação verbal a realidade fundamental da linguagem, e da própria vida..*

Ao afirmar que a interação verbal é a realidade fundamental da linguagem, Bakhtin elege a enunciação humana como o objeto privilegiado do estudo da língua e introduz os conceitos de sujeito e contexto que pertencem à história como básicos na teoria da enunciação e na análise do discurso francesa, e, por extensão, estatelece o texto como o lugar da heterogeneidade enunciativa, a partir do seu caráter polifônico, ou nas próprias palavras de Bakhtin, lugar das *múltiplas vozes*. Pois, a *noção de texto como representação de atos, elementos e relações culturais diversificadas surge como signo da relatividade de um campo com diferentes focalizações, ou seja, a noção de texto aparece como necessidade de se entender uma manifestação constituída pela diversidade de linguagens, isto é, uma manifestação dialógica.*(Machado, 1996:226)

No ensino de língua/gramática não podemos deixar de considerar as instâncias sociais, pois, é no interior dos **processos interlocutivos** que ocorrem as múltiplas e complexas instituições, considerando a formação social de cada sujeito envolvido no processo dialógico da linguagem. Desta forma, a língua, enquanto efeito (entenda-se efeito como um produto em construção dialógica = processo) de condição de produção da história, vem marcada pelos seus usos e pelos espaços sociais destes usos. Por isso a língua não é um produto acabado, é um eterno processo ininterrupto, um processo vivo de interação” (Geraldini, 1996:).

Bakhtin postula que “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” por isso é que existem sempre modos muito diferentes de falar e de escrever, bem como muitas formas de compreender; são muitas linguagens refletindo a diversidade da experiência social e são elas que constituem para ele o que é extralingüístico, ou seja, o que é contextualizado ou contextual. Aqui lembramos do que Parret (1988) define como contexto, separando-o do que é compreensão, porque

para ele ambos estão em uma situação de diálogo, sendo bidirecional a relação, onde a compreensão de certa forma “cria” seu contexto; sendo que numa atividade de diálogo a compreensão é determinada pelos diferentes tipos de contextos, o que significa dizer que esses contextos tem o papel de restringir as qualidades e as propriedades específicas do diálogo, e por extensão de qualquer manifestação lingüística enunciativa, durante a enunciação, ou seja, os contextos são criados a partir da necessidade instaurada durante o processo de comunicação..

. Podemos dizer, então, que para Bakhtin (1995), *a língua é inseparável do fluxo da comunicação verbal e, portanto, não é transmitida como um produto acabado, mas como algo que se constitui continuamente na corrente da comunicação verbal.*, sendo que as bases da concepção de linguagem a partir da interação verbal, com caráter dialógico, estabelece que *toda enunciação constitui um diálogo*, faz parte de um processo de comunicação ininterrupto, onde não há enunciados isolados, pois *todo enunciado pressupõe aqueles que o antecederam e todos os que o sucederão*. A partir disso, um enunciado é apenas um elo de uma cadeia comunicativa e só pode ser compreendido no interior dessa cadeia.

Faraco expressa o dialogismo em Bakhtin da seguinte maneira:

“ Ele aborda o dito dentro do universo do já-dito; dentro do fluxo histórico da comunicação; como réplica do já-dito e, ao mesmo tempo, determinada pela réplica do ainda não dito, todavia solicitada e já prevista”. (Faraco, 1988:24)

De acordo com o que vimos, acreditamos que, a partir da concepção interacionista da linguagem, o texto é o espaço lingüístico fundamental na aquisição de conhecimento, de capacidade produtiva

ou criadora, de aprendizagem comunicativa e de estruturação gramatical, tendo em vista sua ampla capacidade de fazer o ser-sujeito socialmente envolvido “absorver” a partir das palavras, estabelecendo a ponte entre a linguagem e a vida, a ponte entre o eu e o outro, na verdade entre nós.

“É no fluxo da interação verbal que a palavra se concretiza como signo ideológico, que se transforma e ganha diferentes significados, de acordo com o contexto em que ela surge. A palavra é a revelação de um espaço no qual os valores fundamentais de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam. O texto coloca-nos frente a frente com o mundo tal qual idealizado e construído por nós, quer seja nos seus aspectos perversos ou estigmatizados, quer seja na sua dimensão crítica e transformadora da ordem estabelecida.” (Bakhtin, 1995)

3 .O SUPOSTO CASAMENTO...

O texto em seu processo de construir-se, a partir de quem o criou ou construiu, encontra-se interagindo com o contexto histórico-social - ideológico do qual partiu, de forma que está de alguma maneira dialogando com outros textos, com outras experiências. A polifonia textual se dá a partir desse emaranhado de experiências sociais de um indivíduo/sujeito ou, como define Koch (1997), “indivíduo socialmente constituído”, mas não anulado ou apagado, e sim criador/recriador - escritor/leitor. O texto produzido/lido, passa pela reconstrução ininterrupta, a partir de sua releitura, tanto por parte de quem o produziu, como por outrem.

A partir de se considerar a linguagem como um processo, como tarefa, nunca completa e sempre projeto caminhando, queremos crer que com o texto não é diferente, pois, cada texto pode ser lido/relido de maneira tal que, dependendo de suas

múltiplas leituras e da multiplicidade de indivíduos/sujeitos que o lêem, teremos uma diversidade de nuances de sentido. São essas múltiplas vozes que encontramos nos textos que nos garantem a pluralidade de efeitos de sentidos atribuídos aos textos em seu processo.

Em Bakhtin (1995), a compreensão, além de ser um processo ativo, é também um processo criativo, por isso, entendemos que a construção/ produção do texto, ao se levar em conta a leitura de outros textos, na compreensão desses, há a possibilidade de criar um texto diferente do lido, considerando o estilo individual. E, ao considerarmos que o texto é feito para uma determinada finalidade, determinado objetivo, vemos nessa premissa a explicação e a possibilidade de especulação no que diz respeito aos diversos gêneros discursivos (mas, não abordaremos isso aqui).

Assim, podemos dizer que o texto nasce do texto, sendo criado por um escritor/leitor e para uma determinada finalidade, mesmo sendo um diário íntimo. E por compreender o processo dessa maneira, comungando com os pensamentos de Bakhtin (1995), podemos dizer que quanto mais leio, mais escrevo, mais explico o que penso do que li e melhor formulo no interior do pensamento o que aprendi. Por isso, a diferenciação, o aperfeiçoamento e o aprimoramento de qualquer conteúdo ideológico ocorrem no processo de expressão e externalização desses conteúdos na interação verbal durante o processo de produção textual, seja na sala de aula ou no escritório, na biblioteca ou no jornal, na escola ou fora dela, nos diversos campos sociais, até mesmo na internet, tendo como desencadeadora do processo: a motivação

Observando textos de alunos do segundo grau que possuem a prática de se comunicarem via internet durante o final de semana, percebemos que sua produção textual apresenta características bastante peculiares, tendo em vista o contato com o outro via um

instrumento que até então não era considerado como eficazmente comunicativo. A comunicação via internet, pelo que estamos verificando no decorrer de nossos estudos, transforma a capacidade criadora dos alunos, de forma a desenvolverem um linguajar repleto de palavras ora abreviadas, ora com nuances de sentido diferentes do usual. Isso faz de seus diálogos, textos originais que fogem de imediato dos padrões pré-estabelecidos. A motivação de estar buscando o outro via rede, estamos propensos a acreditar (tendo em vista a prematuridade das análises), faz com que tais jovens fiquem horas a fio dialogando e produzindo textos de conteúdos os mais diversificados possíveis. No entanto, o contrário também pode acontecer, pois, os mesmos podem ficar horas na frente da máquina e o que mais se vê é um “blz” ou um “:)” ou, ainda um “ah! ah!ah!”, quando a interação com o outro ou com os outros não está acontecendo plenamente por alguma razão; ou seja, quando não há um momento de motivação para o diálogo, o momento de criação/ produção torna-se inócuo. O que é curioso, nisso tudo, é a criação de textos ora “complexos”, de difícil compreensão para quem não é um “internauta”; ou, basicamente, “triviais” ou “lugar-comum”, vai da interação comunicativa instaurada ou não.

Já na sala de aula, se o professor, simplesmente, passa no quadro uma atividade do tipo: “Fazer uma redação de vinte linhas com o seguinte tema - O jovem e o computador”, por exemplo. A reação imediata é: “Ih, professora! Esse assunto é muito complicado, a gente nem conhece ele direito? Como vamos fazer tantas linhas assim?” Essa reação torna-se natural, tendo em vista o fato de não ter sido feito, neste caso, com os alunos, uma prévia leitura de um texto sobre o assunto, ou ainda, discutir com eles a finalidade do computador e sua importância na vida do homem moderno; ou mostrar uma gravura, ou qualquer outro estímulo motivacional que os deixe “ mais à vontade” para refletir sobre o tema.

Com isso, queremos reforçar a idéia de que a produção por si só não dá frutos, a não ser que tenha sua razão de ser e seja feita a partir da elaboração de um contexto motivacional, tal que garanta aos alunos um certo conhecimento do que vai ser tratado e um espaço de construção do saber .

Para se escrever bem, precisamos conhecer ou procurar conhecer sobre o que estamos escrevendo, caso contrário, nada é produzido; e, se o é, necessariamente, o que se produziu apresentará alguma carência, seja lingüística/gramatical, seja de conteúdo/sentido.

4.UM ATÉ BREVE...

Não se trata aqui de formular teoricamente o que venha a ser o processo de produção, mas sim extrair da prática de sala de aula o que se percebe nos momentos de produção, ou seja, dentre as diversas técnicas pedagógicas utilizadas para a aula de produção textual, entendemos que existe algo de peculiar em todas elas, que não está acontecendo por acaso. Pois, todo processo apresenta etapas cumulativas, sendo que se uma das etapas é queimada, o resultado pretendido não apresenta a qualidade necessária. Por isso, o processo de produção não é algo teórico ou artificial e sim resultado da prática que , necessariamente, envolve experiências individuais num determinado contexto socio-histórico-ideológico, uma certa visão de mundo. Por isso, acreditamos ser a motivação a desencadeadora do processo, pois é a partir dela que o aluno/escritor vai despertar, vai interagir, vai estimular-se a produzir de forma qualitativa e não quantitativa. Não nos interessa se ele produziu dez ou quinze ou vinte linhas, interessa-nos a criação em si, sua manifestação lingüística e sua capacidade de reelaborar o que fez, na leitura do que fez e na sua recriação/reestrutura. E é todo esse

processo de construção que vai permitir ao aluno um desenvolvimento mais qualitativo e uma prática de produção textual onde há a possibilidade de múltiplas manifestações e variedade de estilos, tendo por base um uso mais adequado da língua enquanto manifestação lingüística no texto de um sujeito-criador, no fenômeno de interação verbal, na “construção do saber”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec (original russo de 1929), 1995.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. “Construções de Bakhtin às teorias do discurso.” In: *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*, BRAIT, Beth (org). 1997.
- BENVENISTE, Emile. *O homem na linguagem*. Vega. UFSC-BU.
- DAHLET, Patrick. “Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito.” In: *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Beth Brait (org.) Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- FARACO, Carlos Alberto et alii, *Uma introdução a Bakhtin*. Curitiba: Hatier, 1988.
- FRANCHI, Carlos (1991), “Mas o que é mesmo gramática?” In: *Língua portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade*. Lopes, Harry Vieira et alii (orgs). São Paulo, Secretaria da Educação/ Coordenação de Estudos e Normas Pedagógicas.
- _____. “A Produção da Escrita. Abordagens Cognitivas e Textuais.” *Trabalhos em Linguística Aplicada*, (23): 79-95, Jan/Jun, Campinas, 1994.
- GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras - ABL, 1996.
- JOBIN & SOUZA, Solange. *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. São Paulo; Papyrus, 1994.

- KOCH, Ingedore Villaça. *Atividades e Estratégias de Processamento Textual*. IEL-UNICAMP, 1992.
- _____. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LEFFA, Vilson J. *Aspectos da Leitura*. SAGRA - DC: Luzzato, RS, 1996.
- MACHADO, Irene A. "Os gêneros e a ciência dialógica do texto." In: *Diálogos com Bakhtin*. Carlos Alberto Faraco, Cristovão Tezza, Gilberto de Castro (orgs); Beth Brait et alii - Ed. da UFPR, 1996
- MEURER, José Luiz. "Esboço de um modelo de produção de textos." *Trabalhos em lingüística aplicada* 21, 1993.
- PARRET, Herman. *Enunciação e pragmática*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- SOUZA E SILVA, Maria Cecília Peréz de. "Enunciados interrompidos: são eles inacabados?" In: *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Beth Brait (org.) Campinas: UNICAMP, 1997.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 2ª edição - São Paulo: Cortez, 1997.